

CULTIVEM BONS HÁBITOS PARA IMPOR RESPEITO NA SOCIEDADE

Data: 21/10/2004 – Ocasião: Dasara (III) – Local: Prasanthi Nilayam

Algumas pessoas permanecem acordadas toda a noite de Sivarathri, jogando cartas.

Pode-se chamar isso de Jagarana (vigília)?

Se alguém se abstém do alimento devido a uma rixa com sua esposa,

Pode-se chamar isso de jejuar?

O pescador mantém-se atento para capturar o peixe na rede.

Pode-se chamar isso de meditação?

(Poema em télugo)

Encarnações do Amor Divino!

Muitas pessoas jogam cartas durante toda a noite para manter-se acordadas durante a sagrada noite de *Sivarathri*. Certa vez, perguntei a um oficial: “Como você ocupou seu tempo na noite passada?” Ele imediatamente se levantou e respondeu: “Swami, passei o tempo muito feliz.” Ainda perguntei que tipo de felicidade obteve. Ele respondeu: “Ontem foi *Sivarathri*. Joguei cartas durante a noite e me diverti muito. Não senti sequer um pouco de sono.” Questionei-o novamente: “Como você pode obter o benefício do sagrado *Sivarathri* gastando seu tempo jogando cartas durante a noite?” O oficial deu uma ótima resposta: “Como estava ocupado jogando cartas durante a noite, fiquei livre de todas as preocupações; pensei que estava passando alegremente a noite anterior.”

Vocês devem ter observado os pescadores jogando suas redes no lago, esperando com a atenção centrada na esperança de alguns peixes caírem na rede. Pode-se chamar seu olhar fixo de concentração? Pode ele levar a *mukti* (liberação)? A compreensão do homem moderno sobre concentração e meditação pode ser comparada à atenção concentrada do pescador para fisgar os peixes.

Outro exemplo: uma pessoa muito embriagada perdeu a consciência de seu corpo. Podem chamar isso de *thanmayattwa* (total identificação com a divindade)? Mais um exemplo: uma pessoa briga com sua esposa e abstém-se de comer. Podem dizer que fazia um jejum ritual? Algumas pessoas recorrem a tais atos de *thanmayattwa* e concentração e vivem num paraíso de tolos. Pode-se imaginar até que ponto o homem degenerou, seguindo maus caminhos e distorções!

Vocês, alguma vez, analisaram a natureza do corpo humano? Ele consiste em suor, urina, excreções, mau odor, carne e sangue. Está fadado à decrepitude e, finalmente, à morte. A cada segundo, somente material ruim e mau odor são gerados pelo corpo. O que há para orgulhar-se de um corpo assim, decadente? É preciso compreender a verdadeira natureza de um corpo humano tão evanescente e fazer o melhor uso dele. Vocês sabem por que Deus nos deu o corpo humano? É para viciar-nos em maus atos, desperdiçando a preciosa vida? Não, não. O corpo é dado para que o homem se esforce em atingir a Divindade, não para fazer mau uso dele. Vocês devem compreender por si mesmos para qual propósito sagrado ele deve ser usado. Da hora de levantar-se até a hora de deitar-se à noite, o tempo das pessoas é gasto em propósitos mundanos. Elas não têm tempo para pensar em Deus, nem mesmo antes de ir para a cama.

O corpo humano é um instrumento sagrado, dado por Deus, que deve ser santificado pela contemplação de Deus, ao menos duas vezes ao dia. Quais tipos de atividades devem ser empreendidos para que o homem possa obter felicidade e alegria? A resposta mais adequada a essa questão seria a de que seus sentidos deveriam estar ocupados na constante contemplação de Deus. Os olhos devem ver sempre coisas boas. Os ouvidos devem estar ocupados em ouvir coisas boas. A língua deve falar sempre palavras doces e nobres. Ela deveria cantar o divino Nome. Assim, cada membro do corpo deve ser usado adequadamente e santificado.

Normalmente, não gosto de falar sobre Meu ser físico. Entretanto, estou revelando certos aspectos de Minha rotina diária, com a esperança de que sirvam de orientação a vocês. Acordo quatro vezes durante a noite. Geralmente levanto da cama à meia-noite, escovo os Meus dentes e também limpo completamente a língua e a boca. Repito o processo à 1h30min, às 3h e às 4h30min. Os rapazes que dormem em Meu quarto para atender às minhas necessidades durante a noite podem achar isso inconveniente, às vezes, porque perturba seu sono. Entretanto, mantenho estritamente essa rotina para que Minha língua, boca e dentes estejam sempre limpos. Sinto-Me bem somente quando Minha língua e boca estão limpas. Uma língua limpa ajuda a manter a pureza do corpo e da mente.

Vocês devem ter-Me observado falando a numerosas pessoas diariamente. Gastarei até vinte minutos, em vez de dez, falando àqueles que mantêm uma língua limpa e cuja boca não emita mau odor. Por outro lado, não falo com quem tem mau hálito nem por dois minutos. Durante nosso sono, bactérias são geradas e infestam nossa língua, os dentes e todo o interior da boca. Devem ser removidas pela escovação adequada dos dentes e pela limpeza da língua e da boca. Só então seremos saudáveis e felizes.

Além da limpeza física, nossa língua deve ser ocupada em falar palavras sagradas e puras. Seguindo esse princípio, mantenho Minha língua em uso adequado, ligando-Me a atividades sagradas. Só depois de haver higienizado adequadamente Meu corpo, saio de Meu quarto. Nessa hora, um rapaz que cuida da cozinha, traz um mingau de aveia. Eu me alimento do mingau e sinto-Me feliz e energizado. Com exceção desse desjejum, mais nada tomo de manhã cedo. Não tomo café da manhã. Após ingerir o mingau, higienizo novamente Minha boca. Depois, bebo um pouco de água fresca e desço.

Algumas pessoas podem fazer conjecturas sobre o que constitui Meu café da manhã. Nada; não tenho gosto por lanches! Um copo de água fresca é tudo que gosto de ingerir. Depois disso, passo um período feliz com os devotos, dando o *darshan* e falando com alguns deles; também dou entrevistas a pessoas selecionadas. Estou sempre puro em corpo e mente. Minhas palavras são puras, Meus pensamentos são puros e Meus atos são puros e sagrados.

Um importante aspecto a ser levado em conta pelas pessoas que são chamadas para as entrevistas: quando entro na sala de entrevistas com o corpo tão puro e sagrado, percebo que alguma pessoa sentada no grupo tem o hábito de fumar. Por favor, estejam cientes de que não permito fumantes. Imediatamente, peço à pessoa que se retire. A esposa de um fumante poderá pedir-Me: “Swami! Ele é meu marido. Se Você o mandar sair, que faço para representá-lo?” Respondo com firmeza: “Seja marido ou filho, seja quem for, ninguém deve entrar em Minha sala com mau odor e cheiro de cigarro. Diga-lhe para sair, limpar a boca e voltar. Só então Eu falarei com ele.” Essas pessoas saem imediatamente, higienizam-se e voltam em dez minutos. Então, dirijo-me a elas afetuosamente.

Algumas pessoas tentam disfarçar o mau cheiro que emana de seus corpos usando perfume. Existe uma breve história nos *Puranas* (escritura sagrada da Índia) que é pertinente a esse contexto. A Deusa Parvati fez uma grande penitência esperando casar-se com o Senhor Iswara. Tentou toda sorte de recursos para atraí-Lo, como usar belas roupas, colocar perfumes, etc. Mas Iswara não se rendeu a seus desejos. Então, ela buscou a ajuda de *Manmatha* (Cupido) para trazer Iswara para perto dela. Mesmo assim, Ele não cedeu nem um pouco. Pelo contrário, incumbiu *Manmatha* de ajudar Parvati. Imediatamente, Parvati compreendeu seu engano e recuperou seu equilíbrio. Meditou sobre a Divina Forma do Senhor Iswara, que é *nitya* (eterno), *suddha* (sem mácula), *buddha* (Iluminado), *mukta* (liberado) e *nirmala swarupinam* (encarnação da pureza). Voltou a seu normal, natural e puro ser. Iswara então voltou seu olhar em direção a ela e a aceitou. Eles casaram-se em uma auspiciosa ocasião com o consentimento dos pais dela.

O ser humano deveria ser sempre natural e puro. Não deveria ser artificial, usando roupas espalhafatosas, aplicando perfumes e cores. Isso pode ser necessário até certo ponto. Mas de que adianta usar perfume quando o corpo está cheio de maus odores? Meu corpo sempre emite um brilho natural e fragrância divina, porque nunca abrigo maus pensamentos. “Mente sadia em um corpo sadio” é o princípio que sigo.

Para ensinar bons hábitos aos demais, sempre mantenho Meu corpo numa condição pura e imaculada. Às vezes, acordo o rapaz que dorme no Meu quarto, à meia-noite e, novamente, à 1h da manhã. Isso pode causar algum inconveniente aos rapazes. Poderão sentir um pequeno incômodo durante aquele momento particular, mas logo o esquecem e atendem às necessidades de Swami. Portanto, o corpo sempre precisa ser mantido numa condição de limpeza e saúde, já que é um instrumento sagrado, providenciado por Deus. Uma vez que dou a máxima importância à limpeza do corpo, outros talvez gostem de imitar-Me. Seguindo Meus bons hábitos e mantendo-se ao Meu lado, as pessoas impõem respeito em sociedade.

Markandeya foi um grande devoto do Senhor Iswara. Mas teve um curto período de dezesseis anos de vida. Tal como qualquer outro rapaz de sua idade, costumava gastar uma porção de tempo com diversões. Era muito feliz na companhia de outros rapazes, inconsciente de sua morte iminente. Quando seus pais compreenderam que ele completaria dezesseis anos brevemente, sentiram-se muito tristes pela proximidade de seu fim. Estavam imersos em sofrimento e começaram a chorar. Markandeya perguntou a seus pais: “Por que estão chorando?”

Compreendendo a futilidade de, por mais tempo, esconder de seu filho a informação, eles responderam: “Filho, nossa relação com o seu corpo físico termina hoje. O Senhor Iswara concedeu-lhe um curto período de dezesseis anos de vida, que hoje chega ao seu final.”

Markandeya ficou muito desapontado, uma vez que gastara todo seu tempo em diversões na companhia de outros rapazes. Compreendendo que lhe restavam só alguns minutos mais, tomou um banho e foi ao templo de Iswara. Lá, ele entoou o Divino Nome de Iswara com a língua pura. Nesse meio tempo, o Sol começou a nascer. Iswara e Parvati discutiam entre si o impedimento da morte de Markandeya. Parvati perguntou a Iswara: “Swami, a vida de Markandeya aproxima-se rapidamente de seu final. Por que demorar em salvar sua vida? Seus pais estão imersos em grande sofrimento.”

Iswara, então, sugeriu que Parvati entrasse em cena e fizesse seu papel no sentido de prolongar a vida de Markandeya. Parvati ergueu o jovem e sentou-o sobre seu colo. Markandeya teve a grande fortuna de sentar-se no colo da Divina Mãe, a qual o autorizou a receber a graça do Senhor Iswara. Ele aproximou-Se e abençoou Markandeya para que fosse um *Chiranjivi* (imortal). Assim, ganhou a graça de ambos, da Divina Mãe e do Senhor.

Nesse ínterim, os pais de Markandeya chegaram para ver o que havia acontecido com seu filho. A alegria deles não tinha limites quando encontraram o filho são e salvo. Expressaram assim sua felicidade: “Filho, foi só devido a sua devoção e completa entrega ao Senhor Iswara que você superou a morte e recebeu a divina graça, tornando-se um *chiranjivi*. Você protegeu a si mesmo; nós não pudemos fazer nada nesse sentido”.

Deus não precisa de coisa alguma de seus devotos, exceto devoção e entrega total. Espera do devoto um corpo sagrado, palavras sagradas, visão sagrada e atividade altruísta. Quando o devoto oferece esses itens, Deus entrega-Se ao devoto. O corpo, a mente e as ações do homem devem ser sempre puros, de tal modo que Deus Se sinta atraído para ele. Não é pelas diferentes formas de adoração ou rituais que a graça de Deus pode ser obtida. Até mesmo a mãe espera que a criança cultive um coração puro. Frequentemente, recito o seguinte poema para lembrar os homens da futilidade de lutar para meramente encher o estômago:

Ó Homem,
Você luta bravamente com o objetivo de encher o estômago;
adquire muitas formas de conhecimento em vários campos.
Análise e indague por si mesmo que grande felicidade
alcançou, gastando todo o tempo, da manhã à noite,
adquirindo conhecimento mundano e acumulando riquezas,
enquanto se esquece de Deus.

(Poema em télugo)

Organização Sri Sathya Sai do Brasil
www.sathyasai.org.br

Eu sempre santifico Meu tempo, envolvendo-Me em atividades benéficas à sociedade. Desde Minha infância, cultivei hábitos espartanos e segui um rigoroso regime. Esses princípios Eu já havia explicado anteriormente em um poema:

*Levante cedo pela manhã, ao cantar do galo,
Tome um banho após as suas abluções matinais,
Vista uma roupa adequada,
Alimente-se adequada e moderadamente,
Vá à escola e estude diligentemente,
Ganhe um bom nome,
Não saia quando estiver chovendo,
e nunca se aproxime de valas,
Tome parte nos jogos,
Corra e brinque.
Se você cumprir todas essas regras,
Terá saúde e riqueza.*

(Poema em télugo)

Naquele tempo, as pessoas não costumavam fazer lanches. O arroz cozido era embebido no soro do leite, na noite anterior e comido como desjejum na manhã seguinte, com um pouco de sal.

Vários meninos mantêm suas carteiras bastante desorganizadas, espalhando seus livros sobre elas. Deixam o local desarrumado e sujo. Mas Eu costumava manter Meus livros sempre limpos e arrumados. O que estou relatando hoje é baseado unicamente em Minha experiência pessoal. Naquele tempo, pouquíssimos meninos tinham condição de comprar livros novos quando passavam de ano. A cada quatro ou cinco anos, os livros de texto eram substituídos. Eu sempre mantinha Meus livros asseados. Assim, os meninos que estudavam nas classes inferiores e que eram promovidos ao final do ano costumavam receber Meus livros.

Durante determinado ano, um rapaz pobre aproximou-se de Mim e pediu Meus livros. Aconselhei-o a tomar um banho no rio Chitravathi e voltar. Ele assim o fez. Então lhe mostrei Meus livros. Naquele tempo, havia matérias avançadas, mesmo para as classes iniciais, tais como História, Geografia, Educação Cívica, etc. Ao ver Meus livros, comentou: "Raju! Parece que Você nem tocou em seus livros. Parecem novos em folha". O custo de Meus livros era de 12 rúpias (moeda indiana), mas o pobre menino não tinha condições de pagar nem isso. Disse a ele, "Meu querido, fui selecionado para o acampamento escoteiro por Meu professor. Tenho de comprar roupa cáqui e sapatos. Além disso, há outros gastos. Não tenho dinheiro para enfrentar essas despesas. Também não gostaria de pedir a Meus pais. Preciso, no momento, de cinco rúpias. Portanto, pague-Me cinco rúpias e leve Meus livros." O rapaz ficou muito feliz e pagou imediatamente o valor. Naquele tempo, dinheiro em notas era muito raro. Portanto, trouxe a quantia em pequenas moedas enroladas em um pedaço de pano. Estavam amarradas num pano velho, incapaz de reter o peso das moedas. Elas se espalharam pelo chão, fazendo grande ruído. Ao escutar o barulho, a dona da casa chegou e perguntou: "Onde Você conseguiu todo este dinheiro? Você o roubou do meu baú?" Assim dizendo, ela Me esbofeteou. O pobre rapaz, ali parado, explicou: "Mãe, eu dei aquelas moedas a Raju pelo custo dos livros que comprei dele." Ela não acreditou em suas palavras e tomou todo o meu dinheiro.

No dia seguinte, todos os Meus colegas estavam indo a Cudaapah para participar do acampamento de escoteiros. Eu estudava em Kamalapuram quando aconteceu aquele incidente. Disse a meu professor que partiria na manhã seguinte e então encontraria o grupo lá. Pela manhã, cedo, iniciei minha viagem a pé. Caminhei uma longa distância e, antes que pudesse encontrar-Me com meus colegas, eles haviam saído para o desjejum. Quanto a Mim, não tinha sequer um *paisa* (fração de moeda indiana) em meu bolso. O que comeria em Meu desjejum? Pensei que conseguiria ficar sem comer coisa alguma. Propositamente, então, evitei meus colegas para que não perguntassem se Eu havia tomado o café da manhã. Estavam a Minha procura. Perto dali, havia um tanque de alvenaria no qual era armazenada a água para a limpeza das vacas e búfalos. Sentia-Me muito cansado, com fome e sede, após haver caminhado todo o percurso. Mas não podia evitar ter de lavar o rosto com aquela água suja, além de beber um pouco. Então notei que alguém deixara um pacote de cigarros de

palha e uma moeda de um *anna* (moeda indiana da década de 1950, que equivalia a um quarto de uma rúpia) sobre o tanque. Os cigarros naturalmente não Me serviam. Portanto, joguei-os fora. Peguei o *anna* e o converti em quatro pequenas moedas (*botlu ou kannis*). Naquela época, quatro *kannis* equivaliam a um *anna*. Ao regressar, percebi uma pessoa sentada à margem da estrada jogando cartas sobre um pano, convidando os passantes a apostar em uma carta especial. Oferecia o dobro da quantia se fôssemos capazes de ganhar. Sem dúvida, isso era uma forma de jogo de azar, de que aconselho a todos abster-se. Mas Eu estava completamente desamparado naquele momento. Portanto, coloquei uma moeda em diferentes cartas. A cada vez, ganhava a aposta e recebia o dobro do que havia investido. Assim, joguei até ganhar dezesseis *annas* (uma rúpia). Então considerei o jogo findo e voltei com o dinheiro ganho. Como estava com fome, comprei três *dosas* (espécie de bolinho feito de cereais) com um *bottu*. Naquele tempo, *dosas* custavam um *dammidi* (1/3 de *bottu*) cada um. Assim, consegui comer *dosas* com dois *bottus* por dia. Participei das tarefas escoteiras com Meus amigos. Durante a noite, mantive o punhado de moedas debaixo da minha cabeça e dormi no piso de areia. Como estava muito cansado, dormi profundamente. Enquanto isso, alguém notou o punhado de moedas sob Minha cabeça e o retirou, quando Me virei para o outro lado. Quando acordei no dia seguinte, percebi que o embrulho contendo o dinheiro fora roubado. Eu não tinha dinheiro nem para um *dosa*. Os meus colegas ficaram muito desanimados devido a Meu apuro. Em verdade, choraram. Rogaram para que comesse ao menos um *dosa* que comprariam para Mim. Mas, definitivamente, recusei. Disse-lhes que não estava com fome, já que não gosto de valer-Me da ajuda alheia. Eu não queria tocar no dinheiro dos outros. Assim, deixei aquele lugar.

Outro incidente ocorreu durante Minha infância. Certa vez, Minha mão ficou inchada, causando-Me bastante dor. Eu não o disse a ninguém. Fiz uma bandagem com um pano molhado. No dia seguinte, morreu o filho de Seshama Raju (irmão mais velho de Swami). Ele mandou um telegrama a Venkama Raju (pai de Swami) que foi imediatamente ver o filho. O Griham Abbayi (Venkama Raju) saiu de Puttaparthi, chegou a Bukkapatnam e daí para Kamalapuram. Quando chegou à casa de Seshama Raju, toda a família estava imersa em sofrimento pela morte de seu filho. Também tive que fazer de conta estar sofrendo, apesar de estar além da dor e do prazer. O Griham Abbayi perguntou por que eu tinha uma bandagem em Meu antebraço. Tentei explicar, muito casualmente, como se nada tivesse acontecido. Disse a ele que havia uma leve dor na articulação, e, por isso, Eu havia colocado a bandagem.

Próximo à casa, encontrava-se uma senhora que pertencia à comunidade Vaisya e que fazia *dosas* para seu sustento. Ela tentou argumentar com Griham Abbayi dizendo: “O quê? Venkama Raju, eu sei que você está suficientemente bem, de modo a manter Raju durante sua educação em sua casa. Por que você tem de fazê-lo enfrentar tantos problemas, mantendo-o sob os cuidados de seu irmão mais velho em um lugar tão distante? Você não sabe o quanto o rapaz sofre aqui. Ele precisa buscar água potável diariamente, de longe, carregando dois grandes jarros com a ajuda de um *kavadi* em seus ombros”. Desse modo, contou vários incidentes nos quais tive de suportar esforço físico e sofrimento. Griham Abbayi ficou profundamente comovido ao ouvir Minhas dificuldades e, imediatamente, chamou-Me, dizendo: “Meu querido filho, Você vem comigo, imediatamente. Vamos voltar a Puttaparthi.” Todos os membros da família Me amavam. Ele, por isso, lamentou: “Nunca bati em Você até hoje. Você está suportando muito sofrimento aqui.” Tentei consolá-lo, dizendo: “Não, não. O que estas pessoas dizem não é verdade. Ninguém aqui Me está criando problemas! Se Eu Me for com você agora, não haverá ninguém para ajudar nas tarefas domésticas. Não convém que você Me leve daqui justamente agora. Vá, e o seguirei mais tarde, no momento adequado”. Assim, nunca revelei o fato de que a dor em Meu braço fora em virtude das agressões sofridas na casa de Seshama Raju. Nunca tive o hábito de queixar-Me aos mais velhos. Sempre tentei proteger a dignidade e a honra da família.

Naquele tempo, Eu lutava muito devido à exiguidade de recursos para Minha educação. Muitas vezes tinha de arranjar-Me com os bolsos vazios. Na mesma vila, havia um comerciante chamado Kotte Subbanna. Habitualmente, ocupava-se com uma loja de suprimentos, na qual eram vendidos alguns medicamentos ayurvédicos. Certa vez, um novo remédio ayurvédico chamado Bala Bhaskara foi colocado à venda em sua loja. Era um medicamento novo e muito eficaz, que poderia proporcionar-lhe um bom lucro, se fosse popularizado. Para tanto, pediu-Me que assumisse a responsabilidade de fazer a propaganda desse novo medicamento. Aceitei a incumbência, mas solicitei outras informações. Então compus uma canção sobre a eficácia do remédio e reuni algumas crianças de

Minha idade para percorrermos as vilas vizinhas com cartazes nas mãos, cantando a canção composta por Mim. Eu liderava o time de meninos. A canção era assim:

Lá está! Lá está! Ó, crianças! Venham, venham!
Lá está o remédio Bala Bhaskara;
Seja indisposição do estômago ou perna inchada;
Seja dor nas articulações ou flatulência;
Seja qualquer doença, conhecida ou não;
Tome o Bala Bhaskara para a cura imediata!
Se quiserem saber onde ele está disponível,
Lá está a loja de Kotte Subbanna; é naquela loja que podem comprá-lo.
Venham cá meninos, venham cá!
É um excelente tônico
Preparado pelo famoso médico Gopalacharya em pessoa
Venham meninos! Venham cá!

(Canção em télugo)

Ao completarmos o nosso *tour* de propaganda pelas vilas próximas, todo o estoque de medicamentos da loja de Subbanna estava esgotado. Ele ficou muito feliz. Logo Me chamou e expressou sua satisfação dizendo, “Meu querido Raju, por causa de seus esforços, todo o estoque de remédios da minha loja foi vendido rapidamente. Sou grato a Você.”

Quando Griham Abbayi Me pediu que o seguisse a Puttparthi, disse-lhe que não poderia ir, uma vez que a família de Seshama Raju estava sofrendo devido à perda de seu filho; “Não seria adequado para Mim deixá-los nesta ocasião. Por favor, siga para Puttparthi. Depois irei encontrá-lo”, falei.

Griham Abbayi chorou de alegria por Meu senso de responsabilidade e nobres sentimentos. Disse: “Querido filho, nunca encontrei crianças pequenas expondo tão nobres pensamentos aos mais velhos. Quão nobres e grandiosas são suas qualidades! Você está me ensinando coisas tão importantes. Como as Suas palavras são sábias e doces!. Sua nobreza sozinha o protegerá”. Dizendo isso, partiu para Puttparthi. Entretanto, desde que chegou a Puttparthi, passou a enviar-Me mensagens diárias, pedindo-Me que viesse. Ficava lembrando-se de todas aquelas queixas feitas por nossa vizinha Vaisya, sobre minha vida difícil em Kamalapuram e sentia muita pena por Minhas dificuldades. Enquanto isso, mais alguns dias se passaram. Eu tinha de prestar Meus exames. Assim, pensei que não seria prudente voltar a Puttparthi naquele momento, sem realizar os exames. Além do mais, tinha Meus amigos que precisavam de cuidados nos exames.

Éramos três amigos: Ramesh, Suresh e Eu. Sentávamos no mesmo banco em nossa sala de aula. Ramesh e Suresh sentavam-se a meu lado. Eram fracos na aprendizagem. Disse-lhes: “Escreverei as respostas para as questões em seus cadernos de respostas. Sentem-se e fiquem em silêncio na sala de provas”. Nós três entramos na sala de exames. Nossos números de inscrição não eram seguidos. Por isso, tivemos de sentar-nos em lugares diferentes. Não havia possibilidade de comunicar-nos. Meus amigos ficaram muito tristes e desanimados. Imaginei um plano para ajudá-los. Para começar, terminei de escrever Minhas respostas em primeiro lugar. Depois, peguei folhas adicionais e escrevi as respostas para Ramesh e Suresh, com as suas próprias letras. Em seguida, coloquei as três folhas com as respostas sobre a mesa do examinador. O resultado de nossas provas foi anunciado no terceiro dia. Naquele tempo, o resultado dos exames era anunciado logo depois da prova; não era como agora, quando levam meses para comunicar os resultados. Nós três passamos em primeiro lugar. O que foi respondido nas minhas folhas foi também encontrado nas folhas dos outros rapazes. Mas ninguém podia acusar-nos de cópias, já que os números das nossas inscrições eram muito diferentes, e nossos assentos eram distantes uns dos outros. Meu era o número 6, enquanto o do outro rapaz era 108. O número de inscrição do terceiro rapaz era ainda mais afastado. Entretanto, o nosso professor, Mahbub Khan, percebeu que Eu ajudara os outros dois rapazes a se sair bem nas provas. Mas não revelou os fatos a ninguém. Quando estávamos saindo da classe, os professores seguiram-nos e cumprimentaram-nos por alcançar o primeiro lugar nas provas. Eles verteram lágrimas de alegria. Assim, fiz a todos felizes, inclusive Meu professor e colegas, e voltei a Puttparthi. Meus amigos, Ramesh e Suresh quiseram acompanhar-Me a Puttparthi. Na verdade,

Organização Sri Sathya Sai do Brasil

www.sathyasai.org.br

insistiram em seguir-Me. Aconselhei-os dizendo que poderiam encontrar-Me caso quisessem, mas teriam de deixar-Me em Puttaparthi e voltar a suas casas. Eu costumava aconselhar, guiar e corrigir os meus colegas durante Minha permanência na escola. Nunca desperdicei meu tempo na escola. Sempre Me esforcei para santificá-la e costumava falar doce e suavemente com todos.

Quando cheguei a Puttaparthi, as pessoas divulgaram que uma estranha doença Me havia atingido. Eu costumava falar a Mim mesmo. As pessoas próximas pensaram que estivesse louco. Algumas delas ofereceram várias sugestões para curar-Me dessa estranha doença. No final, todos foram unânimes e decidiram que eu deveria ser levado a um *bhutha vaidya* (curandeiro) para que Me curasse de uma suposta possessão demoníaca. Aquele feiticeiro raspou Minha cabeça e fez dois profundos cortes em forma de X no Meu crânio. Depois, espremeu suco de limão sobre os cortes que sangravam. Isso produziu muita dor e uma insuportável sensação de queimadura. Mas não dei vazão aos Meus sentimentos e sofri em silêncio toda essa tortura. Em verdade, até achei graça desse louco tratamento.

Depois, ele decidiu impor-Me mais sofrimento. Trouxe *kalikam* (um tipo de substância venenosa) e colocou-a em Meus olhos. Em seguida, submeteu-Me a vários tipos de tortura. Venkamma (a irmã mais velha de Swami), que me acompanhou ao local, não conseguiu suportar ver-Me submetido a tal sofrimento. Ela, então, correu a Griham Abbayi e implorou: “Pai, não submeta Sathya a esse tratamento desumano. Aquele homem está infligindo grande dor e sofrimento ao rapaz. Chega de tortura; leve-O imediatamente de volta para Puttaparthi.” Fui trazido de volta a Puttaparthi. Daí em diante, sofri surtos ocasionais da “estranha doença”. Nas quintas-feiras, Eu costumava responder a algumas questões e perguntas das pessoas, em nome de Baba. Desde que o feiticeiro raspou Minha cabeça e fez dois sulcos profundos em Meu crânio, até hoje, nunca mais cortei os cabelos. Algumas pessoas pensam que eu aparo meu cabelo. Não, nunca. Meus cabelos crescem naturalmente. Tenho mantido esse tipo de cabelo pelos últimos 70 anos. O próximo será Meu 79º aniversário.

Até hoje, não sofri de nenhuma doença. Meus dentes e Minha visão estão perfeitos. Até poucos anos atrás, aqueles que me acompanhavam, de fato corriam para alcançar-Me. Ainda posso caminhar rapidamente, mas os médicos disseram que não deveria fazê-lo. A razão é porque fui operado há algum tempo, quando sofri uma queda. Foi colocada uma prótese no meu quadril. Devido a isso, fui aconselhado a não andar depressa. Todavia, tenho sido capaz de cumprir Minha rotina diária. Não desisto de nenhum item de minha atividade diária. Estou dando entrevistas aos visitantes. Tenho andado entre as fileiras, oferecendo o *darshan* aos devotos. Não existem, absolutamente, impedimentos a Minhas atividades diárias. Já falei bastante. Haveria muito mais a dizer, se Eu quisesse. Tenho mantido Meu corpo em perfeita forma todos esses anos. É possível que Eu tenha causado algum problema a certos indivíduos no processo. Mas eles não se importam. Servem-Me, mesmo que Eu os desaconselhe.

Hoje é o dia de Durgashtami. Amanhã e depois de amanhã, acontecem os festivais de Mahanavami e de Vijayadasami. Eu tenho muitas coisas a fazer. Tenho de falar aos *purohits* (sacerdotes) que estão conduzindo o *yajna* (ritual). Além disso, há outras coisas importantes a fazer. Após concluir Meu trabalho, falarei a vocês novamente. Não lhes disse que os estudantes são Minha propriedade? Preocupo-Me muito com eles. Se estiverem felizes, também serei feliz. Tenho um conselho para vocês. Nunca desistam de *namasmarana* (entoar o Nome Divino). Façam *namasmarana* constantemente, onde quer que estejam.

(Bhagavan concluiu o Seu Discurso com o bhajan: “*Hari Bhajana Bina...*”)

Fonte: <http://www.sathyasai.org/discour/2004/d041021.html>